

10

Os 70 anos de Casa Grande e Senzala

Sebastião Herber Vieira Costa

Doutor em Antropologia da Religião, professor da Faculdade Visconde de Cairu, Uneb e Faculdade Dois de Julho

Resumo

A obra de Gilberto Freyre, cujo ponto de partida é Casa Grande e Senzala, é também um resgate da obra colonizadora do português em várias partes do mundo, África, Ásia e, especialmente, no Brasil. Com Pierre Verger trocou uma rica correspondência e fizeram juntos trabalhos de pesquisa no sentido de conhecer melhor a realidade afro-brasileira. Em Casa Grande e Senzala, Freyre revela um carinho especial por Portugal mas, ao mesmo tempo, manifesta que voltou dos Estados Unidos apaixonado pelo Brasil. Ele mostra que os escravos souberam ser extremamente criativos em termos culturais, e ajudaram o brasileiro a tecer a sua configuração nacional.

Palavras-chaves: colonização, afro-brasileiro, casa grande e senzala, cultura luso-ibérica, ancestralidade.

Abstract

Gilberto Freyre's literary work, whose starting point is "The Masters and the Slaves" is also a redemption of Portugal's efforts as colonizer in several parts of the world, Africa, Asia and, especially, in Brazil. Pierre Verger, his personal friend, and with whom he exchanged lengthy correspondence, together created works that indicate a direction to the research, in the sense of better understanding the Afro-Brazilian reality. In "The Masters and the Slaves" the author demonstrates a special affection for Portugal, but at the same time, reveals that he returned from a trip to the United States impassioned with Brazil. He further states, that with regards to their social condition, the slaves knew how to be extremely creative in cultural terms, and helped Brazil mold its cultural configuration.

Keywords: colonization, Afro-Brazilian, Casa Grande e Senzala ("The Masters and the Slaves"), Luso-Iberian Culture, ancestry.

Resumo / Abstract

Temos com Portugal muitas ligações em termos de valores e estilos comuns de vida e cultura, independente das separações político-militares de 1822 e até do 2 de Julho, que, na verdade, consolidou a nossa Independência. Gilberto Freyre fala, na sua obra como um todo, mas, particularmente em Casa Grande e Senzala, do "conjunto luso-tropical de culturas e populações" (FREYRE, 1973, p.263).

Estando ligados a Portugal, naturalmente ligamo-nos a várias populações da África, da Ásia, de ilhas atlânticas, formadas todas também pelo esforço colonizador do português. No entanto, somos alheios a toda essa realidade. Com relação à África, já é bem melhor a nossa consciência, pois tem crescido o senso de resgatar essa presença entre nós através da contribuição de Gilberto Freyre, de Pierre Verger e de vários antropólogos e estudiosos que têm se distinguido nessa pesquisa. Podemos afirmar, sem perigo de exagerar, que os povos de origem portuguesa, com relação à colonização, estão separados apenas pela ignorância mútua (FREYRE, 1973, p.265).

Gilberto Freyre não deixa de salientar que, apesar de Portugal, sob vários pontos de vista, continuar sendo o centro desse mundo criado por ele próprio, "o Brasil é o líder natural do mundo que o português criou" (FREYRE, 1973, p.264). A grande verdade é que prevalece uma unidade portuguesa, mas que é viva e capaz de desenhar-se em novos valores.

Nesse sentido e nessa direção, vem a importância da Antropologia Aplicada. Isto é, sua vocação-missão é contribuir para a melhor compreensão entre os povos ou grupos humanos (FREYRE, 1973, p.266). Serve para uma melhor compreensão de povos diversos que tiveram a mesma colonização básica, que é a portuguesa.

Além desse aspecto da Antropologia, Freyre sublinha, na tentativa de compreensão entre os povos, a função valiosa, como auxiliar, das modernas ciências do homem, que desempenha o fotógrafo ou o cinematografista científico. Nesse momento ele estava pensando em Pierre Verger, seu amigo pessoal, com o qual trocou uma correspondência rica e, juntos, fizeram trabalhos que marcaram um direcionamento da pesquisa no sentido de conhecer melhor a realidade afro-brasileira. "Concorre ele [o fotógrafo], para uma melhor compreensão de povos exóticos através do documentário que colhe igualmente nas fontes, com paciência, e, às vezes, risco de vida - ou, pelo menos, de saúde" (FREYRE, 1973, p.266).

Ele qualifica Verger como

iniciado em estudo de antropologia e especializado no conhecimento de povos negros e mestiços da África e da América. Para nós, brasileiros, e para os portugueses com o sentido transnacional

Sebastião Herber Vieira Costa

da cultura de origem lusitana, a documentação já recolhida por Pierre Verger no nosso país e na África, tem valor especial pelo que fixa, não só dos resultados do encontro do sangue português com o africano - tipos interessantíssimos de homens, mulheres, crianças e mestiços - como dos resultados do encontro da cultura de origem lusitana com várias culturas africanas, ou predominantemente africanas, da África e da América (ibid, p.267).

Na década de 1950, Freyre fez uma longa viagem pela África, não só portuguesa, como “ hoje francesa, inglesa, belga” (FREYRE,1973 p. 267) e lá colheu elementos inéditos levados por aqueles negros que voltaram à África. Por exemplo, ele cita o gosto pela farinha de mandioca, pelo doce de goiaba, por comidas e hábitos brasileiros em geral. Havia lá (e há ainda) devoções brasileiras que se fixaram com muita expressão, como a de Nosso Senhor do Bonfim. Ele salienta sempre a presença desses “ brasileiros” (ibid, p.269) que voltaram à África e não os chama de africanos, pois se tornaram abasileirados, como resultado do contato com a natureza, com o meio tropical, com a cultura já vigorosamente mestiça dessa parte da América.

Tudo isso, ele salienta, estudou com a participação de Pierre Verger. São notórias as publicações, no início da década de 1950, que os dois escreveram na revista O Cruzeiro, exatamente sobre essa presença “brasileira” na África, ou seja, a presença dos ex-escravos que para lá retornaram. Diz ele que alguns voltaram como novos-ricos, “levantaram na África casas um tanto arrevesadas - baianos a extremos”(ibid, p. 268). Verger, citado por Freyre “ confessa ter tido a atenção despertada para o assunto por estudos do hoje seu amigo brasileiro, amigo e companheiro de estudos” (ibid, p.269).

Destaco alguns trechos da correspondência entre os dois; cartas que se podem ler na Fundação Gilberto Freyre, em Santo Antônio de Apipucos, no Recife. As cartas se referem, exatamente, a esse interesse pela presença afro-brasileira que retornara à África e que seria objeto de publicações de ambos.

Quanto ao meu primeiro artigo, seria um artigo de ordem geral, mostrando em linguagem o mais possível simples , a importância para as boas relações entre os povos dos estudos de antropologia, salientando que os ‘ brasileiros’ da África pertencem ao conjunto cultural luso-brasileiro e merecem nossa simpatia, destacando a importância da fotografia e do cinema como auxiliares da Antro-

pologia e das demais ciências do homem e da aproximação entre os povos e referindo a você como mestre de fotografia a serviço da ciência e da aproximação entre os povos. (Carta de G. Freyre a Pierre Verger, 24 de julho de 1950).

O aspecto econômico se institucionalizou na forma de extensas monoculturas, nas plantações de açúcar e depois de café, tudo centralizado na figura do dono da terra - era a presença do *pater-familias* que, mais tarde, reproduziu-se em outras formas similares de estruturas de poder, tanto no aspecto individual, quanto no familiar.

Esse foi o contexto histórico no qual se deu o assentamento social brasileiro. Houve razões conjunturais que tornaram frágeis as inter-relações com Portugal, isto é, o controle territorial e econômico da colônia ficou nas mãos de indivíduos particulares.

É essa a moldura da vida social brasileira que permeia a interpretação de Freyre (REGO, 1997-1998, p.174).

Inicialmente, Freyre descreve e interpreta a sociedade brasileira como modelo peculiar de integração social e exemplo de pluralismo étnico e cultural. Ele vê na mistura de culturas que funde europeus, africanos e índios, algo distinto, único e mesmo positivo da nação brasileira e de sua cultura. Tudo decorre de uma síntese de heranças ambientais e culturais, componentes históricos e psicológicos, que são a base da colonização brasileira, determinando, dessa forma, a cultura e a personalidade nacional.

Podemos, acompanhando outros autores, dizer que o argumento central de Freyre é que os princípios brasileiros que dão suporte à organização social brasileira, seja no período colonial, seja no pós-colonial, tiveram sua origem no sistema patriarcalista, estabelecido desde os primórdios da nacionalidade. Esse sistema estava subordinado à escravatura e subsistiu por conta da mistura de raças e culturas. É esse espaço cultural próprio de conviviabilidade e permanência que delineia o complexo cultural brasileiro.

Foi a Ordem da Companhia de Jesus que, em termos educacionais, estabeleceu as bases da instrução do Brasil colonial. Os jesuítas foram, tanto no plano oficial quanto de fato, os responsáveis por toda a educação brasileira por mais de dois séculos. Porém, Freyre considerava extremamente formais os seus métodos, sua forma retórica de discutir e resolver os problemas, seu gosto pela literatura, pela memorização e pelos estudos intelectuais puros - tudo isso considerado incompatível com a psicologia e os interesses dos aborígenes.

Os jesuítas insistiram, a princípio, em ensinar aos índios em seus colégios (...) a ler, contar, escrever, soletrar e rezar em latim. Em tais exercícios se revelariam os indígenas sem gosto nenhum de aprender; sendo fácil de imaginar a tristeza que deve ter sido para eles o estudo nos Colégios dos Padres (FREYRE, 1987, p. 144).

A sensibilidade de Freyre voltava-se para os franciscanos, que poderiam, na visão dele, ter sido uma melhor opção para o homem brasileiro e seu meio ambiente. Na verdade, os franciscanos tinham uma sensibilidade singular para a natureza e a ecologia, para os trabalhos manuais e, por isso mesmo, possuíam muito mais pontos em comum com os nativos da terra. Os franciscanos seriam mais realísticos e sincronizados com a natureza e a cultura do Brasil.

O missionário ideal para um povo comunista nas tendências e rebelde ao ensino intelectual como o indígena da América, teria sido o franciscano. Pelo menos o franciscano em teoria; inimigo do intelectualismo; inimigo do mercantilismo; lírico na sua simplicidade... Os franciscanos preocuparam-se, acima de tudo em fazer dos índios artífices e técnicos (id-ibid)

Nos seus cursos, os franciscanos e outros mestres, no Brasil, foram dando ao ensino, caráter mais democrático que o do ensino jesuítico, por longo tempo intransigentemente clássico nos seus melhores aspectos e excessivamente ornamental ou decorativo nos piores (FREYRE, 2000, p. 372).

De opinião contrária à convergência quase “natural” da colonização portuguesa no Brasil, gerando uma pacífica mestiçagem, é Roberto Da Matta. Ele diz que os traços de aproximação intercultural havidos no Brasil não são fruto de uma característica cultural portuguesa. Mas era um modo de enfrentar os dilemas do trabalho escravo, junto de um sistema altamente hierarquizado, isto é, cada um tinha o seu lugar determinado e não havia lugar para a igualdade (Da MATTÁ, 2000, p.79).

A própria criação de um “tipo” brasileiro, o exoticamente moreno, também é rechaçado por Da Matta:

Se o branco e o negro podiam integrar livremente no Brasil, na casa grande e na senzala, não era porque o nosso modo de colonizar foi essencialmente mais aberto e humanitário, mas simplesmente porque aqui o branco e o negro tinham um lugar certo e sem ambigüidades dentro de uma totalidade hierarquizada muito bem estabelecida (id-ibid).

Claro que, se Gilberto Freyre estivesse vivo, teria contra-argumentado com Da Matta. O prof. Vamireh Chacom, citando uma entrevista de Freyre à Universidade de Baylor, dois anos antes de sua morte, diz: “Quando vim a escrever meu livro Casa Grande e Senzala, Boas estava presente como o homem que me deu um embasamento científico para não acreditar na superioridade, nem na inferioridade racial”(CHACON, 1993, p.121).

Conclusão

Gilberto Freyre mostra, na sua obra, no que diz respeito à condição social, que os escravos souberam ser extremamente criativos em termos culturais, pois ajudaram o brasileiro a tecer a sua configuração cultural. Além de fazer o açúcar, eles fizeram também todo um complexo cultural com forma brasileira, mas que tinha uma origem africana. Pode-se afirmar que a cultura, mais do que de quaisquer outras mãos, nasceu das mãos do negro (VIEIRA,2002, p. 88)

O período colonial é marcado pela ociosidade do branco, enquanto os negros trabalhavam incessante e diuturnamente e, desse modo, fizeram a nossa cultura. Quem faz a cultura é, necessariamente o “ homo faber” e, na verdade, este era o escravo e não o homem branco. Freyre diz que os escravos tornaram-se “os pés dos senhores de engenho”, pois tinham que andar por estes e carregá-los de rede ou de palanquim” (VIEIRA apud FREYRE,1987, p. 105).

Freyre fala ainda das coisas de Portugal com carinho, especialmente em Casa Grande e Senzala. Isso porque ele se sente tão português que fica à vontade para fazer as críticas, quando são oportunas. Por exemplo, aponta como o português tem uma certa megalomania quando narra a sua história, até exagerando o seu passado. Uma das grandes verdades em Casa Grande e senzala é que o autor toma a defesa de Portugal perante o mundo inteiro.

Desde o início, ele quer desfazer a idéia de que colonizar o Brasil foi uma empresa fácil. Chega mesmo a contrapor a colonização americana à nossa, mostrando que o

processo daquela foi mais fácil:

Tudo aqui era desequilíbrio. Grandes excessos e grandes deficiências, as da nova terra... Enchentes mortíferas e secas esterilizantes - tal o regime de suas águas ...Contrastem-se essas condições com as encontradas pelos ingleses na América do Norte, a começar pela temperatura : substancialmente a mesma que a da Europa ocidental, considerada a mais favorável ao progresso econômico e à civilização européia” (FREYRE 2000, apud VIEIRA , p. 76).

Casa Grande e Senzala é um sinal de que Gilberto Freyre voltou dos seus estudos nos Estados Unidos como um apaixonado pelo Brasil e, destaque-se, apaixonado por tudo aquilo que representava a ancestralidade luso-ibérica e pelo nosso período colonial.

Acrescente-se a isso, finalizando, que ele também voltou com uma simpatia pelo catolicismo, que aqui se revestiu, até se transfigurou numa nova dimensão cultural: irmandades, confrarias, intimidades com os santos, tornando-se mais festivo, alegre. Para ele, foi o catolicismo a força que integrou e possibilitou a unidade cultural de um país tão grande, de imensidão territorial quase incontrolável.

Referências

- Carta de Gilberto Freyre a Pierre Verger, 24/07/1950. Fundação Gilberto Freyre, Recife, PE.
- CHACON, Vamireh, *Gilberto Freyre: uma biografia intelectual*. Recife: Massangana e Nacional, 1993
- DA MATTA, Roberto. *Relativizando. Uma introdução à antropologia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- FREYRE, G. *Casa Grande e Senzala*, 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- _____. *Problemas brasileiros de antropologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- _____. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2000.
- REGO, George Browne. *Aspectos filosóficos e educacionais da obra Casa Grande e Senzala de G. Freyre*. In: *Perspectiva Filosófica*. Recife vol.V, nº10, jan-dez, 1997-1998.

VIEIRA, Epitácio Fragoso. **O senso antropológico em Gilberto Freyre.**
Recife: Comunigraf, 2002

Sebastião Herber Vieira Costa